

ENFRENTAMENTOS DE VIOLÊNCIAS:

ALGUMAS ESTRATÉGIAS DE CONHECIMENTO,
DE CORPOS, TERRITÓRIOS E HOSPITALIDADES

Organização:

Anita Guazzelli Bernardes

Camilla Fernandes Marques

Neuza Maria de Fátima Guareschi

Gloria Baigorrotegui

Jorge Castillo-Sepúlveda

Josemar de Campos Maciel



ABRAPSO EDITORA

ENFRENTAMENTOS DE VIOLÊNCIAS:

ALGUMAS ESTRATÉGIAS DE CONHECIMENTO, DE CORPOS, TERRITÓRIOS E HOSPITALIDADES

Organizadoras

Anita Guazzelli Bernardes
Camilla Fernandes Marques
Neuza Maria de Fátima Guareschi
Glória Baigorrotegui
Jorge Castillo Sepúlveda
Josemar de Campo Maciel



ABRAPSO EDITORA

Florianópolis

2022

Financiamento



Apoio



Projeto gráfico - Arnoldo Bublitz
Design de capa - José Sarmento

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Enfrentamentos de violências [livro eletrônico] :
algumas estratégias de conhecimento, de corpos,
territórios e hospitalidades / organização
Anita Guazzelli Bernardes...[et al.]. --
1. ed. -- Florianópolis, SC : ABRAPSO Editora,
2022.
PDF.

Outros organizadores: Camilla Fernandes
Marques, Neuza Maria de Fátima Guareschi, Glória
Baigorrotegui, Jorge Castilho Sepúlveda, Josemar de
Campo Maciel.

Bibliografia.
ISBN 978-65-88473-18-4

1. Cidadania 2. Colonialidade 3. Diversidade
social 4. Inclusão social 5. Movimentos sociais
6. Resistência à opressão 7. Territorialidade
8. Violência - Aspectos sociais I. Bernardes,
Anita Guazzelli. II. Marques, Camilla Fernandes.
III. Guareschi, Neuza Maria de Fátima.
IV. Baigorrotegui, Glória. V. Sepúlveda, Jorge
Castilho. VI. Maciel, Josemar de Campos.

22-135310

CDD-303.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Violência : Sociologia 303.6

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

APRESENTAÇÃO

A proposta desta coletânea origina-se no projeto CAPES/COOPBRASS – Edital nº 5/2019. Este projeto agrega diferentes pesquisadoras e pesquisadores do Brasil, Chile e Colômbia, na área das humanidades, compondo uma rede internacional de pesquisa latino-americana. O projeto tem se desenvolvido a partir de um programa de cooperação científica estratégica com o Sul Global, com o objetivo de “problematizar os processos de inclusão e exclusão sociais nos espaços urbanos/cidades por meio da relação com as tecnologias de gestão da vida”, tendo como foco de aproximação dos estudos as articulações entre corpos/cidades/hospitalidades e tecnologias. A rede de cooperação formada pelo projeto tem analisado, mediante diferentes estudos, como políticas de gestão da vida operam na produção de sujeitos por intermédio de formas de controle de corpos e espaços. Essas formas de gestão também têm sido confrontadas por práticas que as tensionam, constituindo certas modalidades de intervenções que resistem às estratégias de normalização neoliberais: movimentos sociais e culturais na cidade e nos territórios que sobre eles se impõem, produzindo novos conceitos de vida, cidadania, hospitalidade, outridade.

Esse projeto de cooperação tem se ampliado com a produção de seminários e espaços de discussão que permitem um aprofundamento dos estudos e o fortalecimento de certos modos de pesquisar. Essa ampliação da rede fortifica as formas de compreensão das articulações de fenômenos próprios ao Sul Global, na medida em que aproxima as dimensões comuns de processos sociais, políticos, econômicos e culturais, bem como a formação acadêmica no campo das humanidades. As diferentes pesquisas que compõem o projeto têm como linha de aproximação o comprometimento com os processos sociais de inclusão e exclusão, especialmente aqueles voltados para grupos e populações subalternizados, tais como povos originários/autóctones, negros, mulheres, pobres e LGBTQI+. Tais processos têm sido investigados tendo em vista as relações entre corpos/sujeitos, espaços urbanos/territórios, hospitalidade/violência e tecnologias.

Além disso, a cooperação da rede tem se ocupado com investigações que partem de epistemologias subalternizadas e situadas no Sul Global. Isso tem implicado estudos que, em vez de tomar corpos subalternizados como objetos de investigação, operam

justamente com a produção desses corpos como modo de transformação dos regimes de veridicção de conhecimento e com a crítica às colonialidades do pensamento e da academia. O foco dessa rede de pesquisa é considerar, nas estratégias e nas orientações das investigações, modalidades de conhecimento que constituem outras racionalidades e formas de viver, condicionadas por uma perspectiva biocêntrica, ancestral, plural, em que a vida se apresenta em um plano de insistência, e não apenas do que deve ser regulado. Desse modo, a rede de cooperação tem permitido a montagem de um projeto de investigação que parte do plural, do coletivo, do heterogêneo, direcionando-se para a qualificação das análises. Além disso, a partir de estudos decoloniais, contracoloniais e pós-coloniais inspirados em experiências localizadas de comunidades, territorialidades e hospitalidades, tem indicado os impactos do processo de esquadrinhação das formas de produção e precarização da vida na contemporaneidade produzidos na/e pela América Latina.

Esta coletânea foi organizada a partir de seminários da rede durante 2020 e 2021. Trata-se de um conjunto de textos fabricados nesses encontros e discussões que vêm compondo o projeto, considerando-se o como e o com quem nos aliançamos no nosso presente. A coletânea apresenta resultados parciais dos estudos e reflexões das pesquisas que vêm compondo a rede do projeto supracitado. A coletânea também se volta para aquilo com que compactuamos ou não em termos de formas de produção de conhecimento e nossas implicações/responsabilidades com o mundo onde vivemos. A coletânea, assim, aposta em certa política de pesquisa alinhada com movimentos no e do Sul Global, tanto acadêmicos quanto sociais, em termos de lutas antirracistas, anticoloniais e antissexistas, entre outras.

Em razão disso, os textos aqui reunidos apontam para a possibilidade de um comum, de uma rede de alianças que fortaleça diferentes lutas e insistências da vida no que se refere a grupos/sociedades historicamente subalternizados por processos de colonização e colonialidade, tendo em conta as singularidades do Sul com o Sul. Isso significa uma política de escrita sustentada em epistemologias e corpos subalternizados como estratégia para o nosso presente, tanto em termos acadêmicos quanto em termos ativistas. Por isso, esta coletânea é destinada a docentes, discentes, pesquisadores, pesquisadoras, mas também às comunidades que têm feito parte dos percursos de nossas investigações.

O texto de abertura é escrito por Fabio Turibo, poeta Kaiowa e professor da rede estadual de ensino. Fabio solicitou-nos que o primeiro de seus textos, ao longo do livro, fosse “Uma História pra contar”, tanto por significar muito para ele quanto por ter uma história para contar, que inicia assim: “Há um tempo só pensava em mim. Hoje penso diferente. Na coletividade, enfim”. Fabio convida-nos a contar histórias para pensarmos diferente ou a ouvir histórias para pensarmos coletivamente.

Seguindo a proposta de Fabio Turibo, que fala com uma juventude, a coletânea apresenta um texto manifesto, também como estratégia de uma política de

corpos que sobrevivem a estes tempos de violências. Esse texto manifesto é, assim como “Uma História pra contar”, uma forma de enfrentamento e uma política da vida, da afirmação da vida frente à produção de morte. Wesley Gomes Pinheiro escreve “Transgressão distópica: um relato de não existência”. O texto de Wesley, de um corpo não sujeitado, conta a história de não existências, de enfrentamentos políticos, acadêmicos e sociais e de estratégias de enfrentamento. Essas narrativas permitem-nos considerar a subjetividade a partir do lugar onde acontecem.

Com essa poesia primeira e o manifesto, propomos uma academia engajada em batalhas políticas, uma academia que faça emergir poesias de Fabios e lutas de Kaiowa e de tantas outras etnias e corpos subalternizados. Uma academia que nos acompanhe para nunca nos esquecermos de nossas ancestralidades, para não nos desprendermos da terra e daquilo que, ao fim e ao cabo, nos permite estar juntos aqui – a vida.

Os textos, por distintos caminhos de investigação e produção, aproximam-se por duas regularidades, além daquelas que compõem o escopo do projeto: os modos de extermínio da vida, compreendendo que atravessam e performam corpos e subjetividades, espaços e tempos nas cidades/territórios e suas fronteiras; e as insistências da vida, afetadas por forças ativas que produzem arranjos localizados e moleculares contestadores de formas hegemônicas de viver, assim como modos diversificados e invisíveis de atualização da vida e dos lugares, produzindo outras hospitalidades e afetividades. Esses caminhos na coletânea, inspirados em “Uma História pra contar” e na “Transgressão distópica: um relato de não existência”, abriam duas seções: violências e conhecimento. Essas seções serão transversalizadas pelas poesias de Fabio, que ajudarão os textos a acontecerem em um plano de experiências, em um plano de poéticas da vida, de maneira que violências e conhecimento se encontrem, sempre, com a terra e as lutas ancestrais. As poesias de Fabio “Esperança por demarcação”, “Desafio”, “Guerra” e “Mil coisas”, então, não aparecem como alegorias, mas como ferramentas políticas, como parte das estratégias de lutas em que nos propomos a nos engajar. Assim, as poesias trazem vida, terra, ancestralidade, mas também as convocações e provocações ao que e a quem devemos voltar as nossas cosmopercepções.

O texto “Para não deixar a história dormir: colonialidade, branquitude e monumentalização da violência”, de Giovana Barbieri Galeano, Camilla Fernandes Marques e Neuza Maria de Fátima Guareschi, discute movimentos de resistência à colonialidade do poder e à branquitude, visibilizados pela derrubada de monumentos que homenageiam figuras historicamente vinculadas a processos de colonização e de escravidão de pessoas e aos demais empreendimentos de violências contra a humanidade. Tais movimentos de resistência têm sido chamados de “revisionistas”; entretanto, ao contrário, tensionam as lógicas de produção da história, especialmente por impedir que os – arbitrários – marcos temporais

invisibilizem a história dos povos originários, bem como os genocídios cometidos na América Latina, tanto das pessoas que aqui já habitavam quanto daquelas trazidas do continente africano e aqui escravizadas.

Na esteira dessas violências, o texto “Usos e abusos de uma vida trans a partir do movimento transvacinados”, escrito por Gabriel Luis Pereira Nolasco, Carla Cristina de Souza e Anita Guazzelli Bernardes, propõe pensarmos sobre um movimento que emerge em meio à pandemia, nomeado de “transvacinados”. Esse movimento, como parte de uma série de estratégias e extravagâncias antivacinas, toma de assalto o prefixo *trans*- e enunciados das lutas políticas dos movimentos trans para justificar seu posicionamento antivacina. O que se aponta no texto é justamente a violência do discurso ubuesco que, ao fazer rir, se torna parte de um conjunto heterogêneo de tecnologias de uma política de morte, de extermínio de certos corpos e vidas.

Paulo Eduardo Benites de Moraes escreve “Corpo e violência na poesia brasileira contemporânea: uma leitura de ‘Rondó da ronda noturna’, de Ricardo Aleixo”. Paulo vai para o campo da literatura para conversar com a violência, permitindo que a literatura também nos ajude a produzir conceitos, afetos e sensibilidades no âmbito da pesquisa científica. Aqui, literatura deixa de ser apenas uma forma de exemplificar ou de demonstrar erudição para se tornar ferramenta também de descolonização de pensamento, portanto, de outras políticas de pesquisa. A aproximação que o texto nos permite com a poesia brasileira contemporânea produzida por poetas negros traz outras relações com imagens configuradas sob o efeito da fragmentação e montagem dos corpos em contextos de violência.

“Cidade-queer: corpos dissidentes produzindo novas territorialidades”, escrito por Luis Henrique da Silva Souza, Carolina dos Reis, Jacinta Antoniulli Testa e Aline da Silveira Muniz, traz experiências de corpos, violências, cidades, performances e territórios. O texto ensaia-se na produção da noção de corpo-território, que emerge como operador conceitual e político. A proposta afasta-se da noção do corpo como elemento individual para afirmar seu caráter coletivo. Para tanto, parte de narrativas ficcionais que marcam a produção de uma contralógica frente à produção massiva de uma urbe colonialista, machista, racista, LGBTfóbica, violenta e mortífera para corpos dissidentes da branquitude e da cis-heteronorma.

Patricio Azócar Donoso e Mauricio Carreño Hernández percorrem um campo discursivo sobre a juventude para pensar sobre a produção de violências epistemopolíticas em “La impronta policial puesta en jaque. Experiencias y experimentaciones colectivas en dos territorios intervenidos por el Estado de Chile”. Os pesquisadores acompanham e narram práticas epistemopolíticas que afirmam “a mudez cognitiva” e “a perplexidade epistêmica” frente aos movimentos de revolta sociais e os efeitos coletivos da pandemia que ocorrem no Chile simultaneamente. Essas experiências coletivas têm buscado desafiar e destituir o que denominam como “impronta policial” das ciências sociais no Chile atual.

Em “Verdad, especulación y biopolítica”, Jorge Castillo Sepúlveda, Mariana Gálvez-Ramírez e Fernanda Bywaters-Collado retomam uma discussão foucaultiana sobre biopolítica e conhecimento para atualizá-la de modo a problematizar a formulação de tecnologias de governo no âmbito da saúde latino-americana. A investigação aponta para a articulação entre as dimensões econômicas, legais e epistêmicas que compõem a reforma política da saúde, no caso chileno, considerando esse processo a partir de quatro eixos: as articulações entre Estado e mercado; a descentralização dos serviços; a função dos direitos dos pacientes, o papel da saúde pública e a participação de elementos técnicos, objetos epistêmicos precários e processos de especulação que articulam suas relações uns com os outros. O texto permite a aproximação com as reflexões atuais sobre os modos de gestão das políticas sociais na América Latina em um contexto neoliberal globalizado.

No caminho pelas violências, a partir do encontro com corpos, políticas, tecnologias, cidades, territórios, a coletânea aproxima-se agora de uma dimensão de estratégias de lutas, daquilo que pensamos como formas de alianças com o nosso presente em termos de produções de “contraconhecimento”. José Francisco Sarmiento Nogueira vai propor certa forma de interrogarmos-nos em pesquisa, mas também recaindo em uma dimensão ética, pois implica, necessariamente, aquilo que produzimos no e com o mundo. O capítulo “A pessoa na colonialidade: reflexões sobre atravessamentos e identidade, a partir do pensamento decolonial” busca compreender as relações humanas em nossa sociedade pós-colonial, na tentativa de obter algumas respostas sobre as relações humanas e como elas podem, traduzidas para um ambiente de colonialidade, ser problematizadas.

O capítulo “Kerestasia ou das paixões aniquiladoras”, de Gilliano José Mazzetto de Castro e Márcio Luís Costa, desenvolve uma reflexão sobre o tema das alteridades em contextos de negacionismo em vários âmbitos da existência, inclusive no científico, com base no pensamento ético de Emmanuel Lévinas. Para isso, partindo da ética levinasiana, haverá um diálogo com os conceitos de necropolítica e tanatocracia, buscando-se pensar e aprofundar os enredos e contextos de uma reflexão que não sucumba aos ditames de uma lógica de morte.

Alison Santos da Rocha e Simone Maria Hüning apresentam outra proposta metodológica de investigação partindo da experiência com o conceito de território. Em “Montagens textuais-imagéticas na pesquisa sobre territorialidades e racismo ambiental”, produzem uma metodologia contra-hegemônica que se utiliza do movimento e do olhar nos espaços urbanos como táticas de pesquisa, considerando como o racismo ambiental é praticado em termos de estratégia de produção de processos contemporâneos de territorialização colonial em determinados espaços da cidade, marcados por vulnerabilidades étnico-raciais.

“Encantamientos, comunidades y resistencias en nuestra américa: un ensayo de escrituras polifónicas”, de Liliana Parra-Valencia, Gloria Baigorrotegui, Josemar

de Campos Maciel, Isaura Benítez, Carmelo Márquez, Asociación de Campesinos Retornados (Asocares-Colombia) e Comunidad San Francisco (Sucre-Colombia) é, na realidade, um texto experiência. Além de uma escrita de vários corpos e mãos, várias línguas entram em ação. Como ferramenta política de não sujeição, essas várias línguas optaram por manter-se no texto. Isso significa, assim como a proposta de Alisson e Simone, uma metodologia contra-hegemônica, o que aqui é uma escrita contra-hegemônica. O território e a produção de conhecimento entram em ação nos lugares onde acontecem e nos encontros que os tornam possíveis em termos de um comum. Aqui, o convite do texto é experimentar não domar nenhuma língua, e o fio condutor para essa experiência de um português e diferentes espanhóis é diálogo com diversos ecos, memórias e impressões de experiências de campo construídas pelos encontros. Trata-se de uma reflexão sobre a construção de um campo de investigação sensível, para os tempos atuais, entendendo o campo como uma sinergia entre atores que usam seus corpos e a linguagem para construir reciprocidades.

Apresentamos uma reflexão sobre a necessidade de se criar uma escrita a partir de práticas, saberes, escutas e performances, para projetar um espaço acadêmico mais autocrítico e comprometido com a hospitalidade aos sujeitos que participam efetivamente da construção do conhecimento, indo além de processos de alienação e de colonização. Finalizamos a coletânea assim como a começamos, com um texto de Fabio Turibo – “Um guerreiro fala do seu Tekoha” – explicando-nos, desse lugar, a nós, docentes, discentes, pesquisadoras, pesquisadores, especialistas, a quem se dirige esta coletânea, que “a retomada faz parte de mim e parte dos meus ancestrais. Por isso aqui vou ficar. Por aqui vou lutar”.

Agradecemos à CAPES e ao CNPq pelos financiamentos que possibilitaram a publicação da coletânea; e ao apoio das Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) – Programas de Pós-graduação em Psicologia, Desenvolvimento Local e Núcleo de Estudos e Pesquisa das Populações Indígenas (NEPPI), Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional (UFRGS), Universidade Federal de Alagoas - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de Santiago do Chile - Instituto de Estudios Avanzados – Doutorado em Estudos Americanos.

Esperamos que seja uma boa leitura.

Comissão Organizadora